

O Movimento Mucker e suas relações com a igreja católica e a protestante.

The Mucker movement and its relations with the Catholic Church and the Protestant.

*Marinês Andrea Kunz**
*Roswithia Weber***

Resumo: Este artigo visa caracterizar o movimento Mucker, que se configurou no Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, a partir de 1868, e analisar como o discurso de diferentes instâncias de poder legitimaram o massacre desse grupo. Em especial, busca analisar as relações do movimento com a igreja católica e a protestante, as quais têm papel fundamental no evento. Para tal, utilizam-se fontes bibliográficas considerando diversas produções sobre o tema.

Palavras-chave: Movimento Mucker. Rio Grande do Sul. Religiosidade.

Abstract: This article aims to characterize the Mucker movement, which was configured in "Vale dos Sinos", in Rio Grande do Sul state, from 1868 on, and analyze how different levels of power legitimized the slaughter of this group. In particular, tries to analyze movement relationship with the Catholic Church and the Protestant, which has a fundamental role in the event. Bibliographic sources were used considering several productions on the subject.

Keywords: Mucker Movement; Rio Grande do Sul state; Religiosity

Considerações iniciais

A primeira colônia alemã fundada no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, em 1824, foi palco de um movimento denominado *Mucker*¹,

* Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professora titular e pesquisadora da Universidade Feevale.

** Doutora em História pela UFRGS, professora e pesquisadora vinculada ao Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Feevale.

que se configurou a partir de 1868. Quando, colonos se reuniram em torno da liderança do casal Jacobina Mentz Maurer e João Jorge Maurer, na região do Ferrabráz, hoje localizado no município de Saporanga. O episódio envolveu localidades que tiveram São Leopoldo como município-mãe e que geograficamente, com base na hidrografia, ocupam a região do Vale do Rio dos Sinos².

Apesar do longo tempo transcorrido, a saga de Jacobina Maurer ainda desperta interesse em nossos dias, renovado pela publicação, em 1990, de *Videiras de cristal*, romance de Luiz Antônio de Assis Brasil, e por sua versão fílmica *A paixão de Jacobina*, de Fábio Barreto, lançada em 2002.

Muitas obras narram, analisam e comentam a história do casal Maurer e de seus seguidores. Há aquelas que adotam o ponto de vista contrário ao grupo, de modo a justificarem que tenha sido massacrado e dando sustentação ao poder então instituído. Outras, ao contrário, buscam mostrar a complexidade do movimento, a partir de nova análise dos documentos, que consistem nos rastros que ainda tornam possível a reconstrução dos fatos. Há, ainda, as que ficcionalizam a história, a ponto de chegarem à mistificação da protagonista.

Para caracterizar o movimento far-se-á uso de produções historiográficas sobre o tema, especialmente considerando sua relação com a igreja católica e a protestante, dado que muitos aspectos desencadeados estiveram ligados a posições dessas instituições.

O casal Maurer - aspectos biográficos

A protagonista dos fatos ocorridos no Morro Ferrabraz, em Saporanga, no Rio Grande do Sul, é Jacobina Mentz, nascida em junho

¹ Embora o termo *mucker* tenha sido empregado, na época do conflito, com sentido pejorativo — como o de santarrões pouco confiáveis e ligados ao pietismo europeu (DICKIE, 1998) —, neste artigo, os membros do grupo de Jacobina serão assim designados por uma questão de praticidade, uma vez que o termo está institucionalizado mesmo no meio historiográfico; mas aqui, não quer recuperar o significado original.

² Abrange a área banhada pelo Rio dos Sinos.

de 1842, em Novo Hamburgo³, filha de colonos alemães que chegaram ao Brasil nos primeiros anos da imigração alemã. Sua família tivera problemas de ordem religiosa na Alemanha, pois, adepta do grupo pietista da Igreja Luterana, não se conformava com as novas orientações da instituição, quanto à linha adotada, e acusava-a de desviar-se dos ensinamentos bíblicos. Libório Mentz, avô de Jacobina, coordenou o grupo descontente, que se mudou para o povoado de Tambach, onde fundaram nova igreja e não permitiam que seus filhos freqüentassem a escola. Nesse período, o patriarca e a família emigraram para o Brasil. Em Novo Hamburgo, ele construiu uma igreja e organizou um coral, participando, assim, ativamente das atividades religiosas da comunidade, sem envolver-se em novos conflitos.

O pai de Jacobina, André Mentz, faleceu quando ela tinha nove anos, deixando a mãe com oito filhos. De sua família, somente o irmão Francisco não foi adepto dos mucker. Quando criança, Jacobina chegou a frequentar aulas por um ou dois anos, sendo alfabetizada de forma rudimentar em alemão. A língua portuguesa, no entanto, ela não falava nem entendia.

Casou-se com João Jorge Maurer, em 26 de abril de 1866, em Novo Hamburgo. O noivo, filho de imigrantes alemães, nascera no Brasil.

Após viverem um ano em casa da mãe de Jacobina, mudaram-se para Sapiranga, junto ao morro Ferrabraz, onde Maurer havia comprado um lote de terras. Ele trabalhava como agricultor e como marceneiro, para sustentar a família. O casal teve seis filhos, sendo que a última nasceu em maio de 1874, ou seja, próximo ao último combate, que ocorreu em dois de agosto, ocasião em que a criança morreu.

João Jorge conheceu o curandeiro Buchhorn, do qual aprendeu o ofício. A partir daí, em 1868, passa a atender os doentes em sua própria casa. Em 1872, ele já era conhecido na região, de modo que recebia clientes até de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre (AMADO, 2002). Com ervas, preparava remédios que eram comprados pelos doentes, os quais

³ Localidade, então, distrito de São Leopoldo.

pagavam em dinheiro, em mantimentos ou em produtos agrícolas, conforme suas condições financeiras. Maurer, no entanto, não enriqueceu, podendo apenas abandonar a agricultura e a marcenaria. Com o tempo, ele passou a ser chamado de *Wunderdoktor*, que significa doutor maravilhoso ou milagroso. É importante destacar a carência de médicos em toda região de imigração, sendo que apenas em São Leopoldo se encontrava atendimento especializado. Essa situação, agravada pela distância e pela precariedade do transporte, levava as pessoas a buscarem alternativas na luta pela sobrevivência.

Logo após o casamento, Jacobina passou a sofrer de desmaios que a deixavam inconsciente e insensível à dor e dos quais acordava sem lembrar nada. Aos poucos, esses desmaios tornaram-se mais prolongados. No mesmo período, teria circulado pela colônia um livro sobre sonambulismo, que se tornou popular entre os colonos e em que se afirmava que esse fenômeno era fruto de forças sobrenaturais. As pessoas vítimas desse mal teriam o poder da vidência, podendo, com isso, prever fatos, diagnosticar doenças e indicar tratamentos médicos. Isso referendava toda atividade de Jacobina Maurer, que, aos poucos, de coadjuvante, passou ao centro das atenções no Ferrabraz.

Inicialmente, ela apenas auxiliava o marido no tratamento dos doentes, mas aos poucos os foi consolando com leituras e interpretações de trechos da Bíblia. Com o tempo, nas reuniões religiosas em casa de Maurer, essas interpretações tornaram-se mais livres, mas todos os adeptos acreditavam nelas. Isso começou a desagradar os representantes religiosos.

Características das práticas religiosas e o contexto da formação do movimento

No processo da colonização da região, a maioria dos alemães que migraram eram luteranos e vieram para um país católico. Tiveram, a princípio, apenas a permissão de realizar seus cultos em casas sem

aspecto de templo, proibição que, sendo transgredida, implicava multa e punição.

Além dessa limitação, os não católicos também eram prejudicados no tocante aos direitos políticos, pois somente cidadãos católicos podiam concorrer a cargos políticos. Os casamentos não católicos também não eram considerados válidos, pois somente a Igreja Católica exercia essa atividade oficialmente. Apenas em setembro de 1861, segundo Martin Dreher (2003), foi aprovada a lei que regulamentava os casamentos oficiados por ministros não católicos e reconhecidos pelo Estado. Casamentos mistos também eram proibidos, de modo que filhos dessas uniões deveriam ser criados segundo a religião católica. Somente em 1889, com a Proclamação da República, os protestantes passaram a ter os mesmos direitos que os católicos, pois até então viviam na marginalidade (RAMBO, 2002).

Entre 1824 e 1864, nenhuma instituição alemã enviou pastores ao Rio Grande do Sul, o que levou ao surgimento dos “pseudopastores”, ou seja, leigos que assumiam as atividades pastorais (DREHER, 2003). Esses pastores, no entanto, nem sempre eram respeitados, pois sendo considerados empregados, estavam, portanto, sujeitos à demissão, uma vez que eram pagos pelos membros da comunidade. Cada comunidade sustentava a si mesma e entre elas havia pouco contato, por inexistência de organização que integrasse os diversos núcleos. A situação dos pseudopastores foi regulamentada em 1863, quando o governo aprovou sua nomeação mediante uma ata de eleição realizada na comunidade em que ele iria atuar.

Na Europa, algumas entidades começaram a se preocupar com essa situação no Rio Grande do Sul, em 1864. Foram, então enviados pastores, liderados por Hermann Borchard, por iniciativa do Conselho Superior Eclesiástico. Esses pastores fundaram, em 1868, um Sínodo, que perdurou até 1875, quando foi extinto. Só existia, então, uma Conferência Pastoral, que não resolvia o problema. Apenas no ano de 1886, foi criado o Sínodo Rio-grandense.

As comunidades luteranas foram prejudicadas por uma série de fatores, entre os quais o caso mucker, o qual “[...] levou a que, na opinião pública brasileira, os evangélicos fossem identificados com os fanáticos do Ferrabraz” (DREHER, 2003, p. 54). Os católicos afirmavam que a causa da tragédia estava nos luteranos, aos quais era concedida a liberdade de ler a Bíblia em alemão.

Do lado católico, os imigrantes não tiveram tantos problemas, embora a igreja também enfrentasse dificuldades e não atendesse devidamente os novos membros. O bispado de Porto Alegre só foi criado em 1848, dependendo até então do Rio de Janeiro (AMADO, 2002). Entre os poucos padres que atuaram aqui, até 1845, estão os jesuítas espanhóis. Como não falavam alemão, esses padres limitavam-se a fazer visitas, quando, então, realizavam batismos e casamentos, o que levava muitos a viverem em concubinato, antes de ser celebrada a união oficial.

Os primeiros padres alemães só chegaram em 1849. Até então, segundo Janaína Amado (2002), a minoria católica da colônia (33,3%) conseguiu construir apenas três capelas. Mesmo sem padres, mantinham viva sua religião, por meio de orações e do ensino religioso realizado em casa. As associações e as escolas contavam com um ministro instituído na comunidade. Essa organização leiga sofreu grande choque com a vinda dos padres alemães ordenados, os quais condenavam a proximidade dos católicos com os luteranos, bem como a laicização dos ofícios religiosos.

No campo econômico, a região apresentava, em meados do século XIX, o enriquecimento de comerciantes e um processo de concentração fundiária e, em contrapartida a perda de autonomia de pequenos produtores. Dentre os integrantes do movimento, podemos destacar os pequenos agricultores e artesãos, muitos dos quais tinham acesso à terra.

Do que se apresentou até aqui, pode-se concluir que as condições de vida – cultura, economia e religiosidade – no século XIX não eram favoráveis aos imigrantes, especialmente aos luteranos. Estes, além da

marginalidade advinda do fato de serem imigrantes, sofriam, ainda, preconceito religioso no país oficialmente católico. Esse conjunto de fatores propiciou o surgimento do grupo de Jacobina, mas também foi o responsável por sua eliminação, pois não era aceito, uma vez que não se enquadrava no ideal desejável.

O grupo foi-se tornando maior em função do crescente número de participantes, entre os quais alguns se destacavam na área religiosa e no apoio ao bom funcionamento das reuniões. Os opositores ao grupo afirmavam que havia entre eles apóstolos nomeados por Jacobina. Entretanto, isso não foi comprovado, pois enquanto apenas um mucker confirma essa versão, os demais negam sua existência (AMADO, 2002).

A partir de 1873, os mucker passaram a adotar comportamento mais reservado, gerando grande polêmica. Retiraram os filhos da escola, abandonaram as igrejas – católica e luterana —, deixaram de beber, fumar, jogar e participar de atividades sociais, inclusive vieram a doar bens e a desprezar o uso do dinheiro, de forma que até perdoaram muitos de seus devedores. No ano anterior, já não haviam comparecido às eleições municipais (AMADO, 2002). Tudo isso resultou na ira dos demais, uma vez que também atrapalhava os negócios da região, ocasionando deboches e agressões.

Conforme Engel (2002, p.646), estas posições da comunidade ligada ao casal Maurer se constituíam em “[...] ameaça ao sistema pautado na concentração fundiária e na desestruturação da pequena produção autônoma”.

No período das eleições, Lúcio Schreiner – membro do Partido Conservador, subdelegado de polícia e primo de Jacobina - tentou aproximar-se de João Jorge, a fim de conseguir seu apoio à própria candidatura. Contudo, o partido de oposição também contava com ele, de modo que se negou a apoiar Schreiner, mantendo-se neutro, com o intuito de não angariar inimizade com ninguém. Lúcio não se elegeu vereador, mas assumiu seu cargo de delegado. Segundo Janaína Amado (2002), todas as autoridades eleitas naquela época se opuseram aos mucker.

Acirramento das tensões

Depois que os cultos na casa dos Maurer se tornaram mais intensos e com maior número de adeptos, a igreja⁴, em 1871, iniciou sua ofensiva contra o movimento. Tanto os padres como os pastores usavam o púlpito para pregar contra as atividades religiosas do grupo. Quando os mucker se afastaram da igreja, os religiosos intensificaram os ataques, escrevendo, inclusive, artigos em jornal, e incitando as autoridades a tomarem atitude.

Dickie (1998) defende a ideia de que, após o inquérito ocorrido em 1873, os mucker, que até então se consideravam uma alternativa pacífica e livre às Igrejas Católica e Luterana, passaram a defender sua relação direta com Deus – por meio da *inspiração* de Jacobina – e sua concepção de transformação do mundo diante dos inimigos.

O pastor Boeber, em 1873, organizou um abaixo-assinado contra os mucker, o que autorizou as ofensivas do delegado Lúcio Schreiner. Assim, as autoridades religiosas uniram-se às civis. Tudo isso levou a população, de um lado, a ridicularizar os mucker, provocando-os muitas vezes, e, de outro, a temê-los, como se fossem representantes do diabo (AMADO, 2002). A partir de então, a situação na colônia agravou-se.

Várias atitudes foram tomadas pelas autoridades civis contra os mucker. Iniciou-se pela realização de busca por armas, na casa dos Maurer e dos adeptos mais influentes, mas o tão esperado material bélico não foi encontrado. O subdelegado de Sapiranga intimou Maurer a um depoimento, mas ele se negou a comparecer. Diante disso, o delegado Schreiner denunciou-o junto ao Chefe de Polícia do Estado. Maurer e alguns companheiros foram, então, presos, sem demonstrar resistência, e, no dia 22 de maio de 1873, deitada inconsciente em uma carroça, Jacobina também foi levada a São Leopoldo. De lá, o casal foi enviado a Porto Alegre, sendo que Jacobina ficou internada na Santa

⁴ Como tinha contato direto com o Espírito Natural que lhe indicava, durante sua letargia, o que deveria ser feito e como, Jacobina destituiu as Igrejas oficiais da legitimidade da mediação com Deus. Os mucker não mais as reconheciam como suas representantes (DICKIE, 1998).

Casa. No entanto, como nada contra eles ficou provado, foram liberados.

Durante a prisão dos líderes, seus adeptos reuniram-se em casa daqueles para a comemoração de Pentecostes. Entretanto, o subdelegado Spindler interrompeu o encontro e obrigou os participantes a assinarem declarações de bem-viver. Apesar da atitude contrária, os mucker não se mostraram resistentes às ordens.

De volta ao lar, foram intimados pelo subdelegado e o inspetor de quartelão, João Lehn, a não darem seguimento às reuniões religiosas. Na ocasião, as instalações passaram por nova revista, sendo então encontradas vinte e duas armas. A partir daí, o grupo cresceu muito, o que levou à construção de novo prédio, ao lado da casa, maior do que ela. A população passou a fantasiar sobre as dimensões das construções, que seriam semelhantes a uma fortaleza. O prédio foi erigido por meio de mutirão e de doações dos membros.

Alguns fatos agravaram as relações entre a população e os mucker. Jacob Kramer, opositor do grupo e comerciante, desapareceu, tendo sido encontrado morto dias depois. Mesmo sem encontrarem vestígios de violência, espalhou-se a notícia de que teria sido assassinado pelos mucker. Além disso, o sogro do subdelegado, Pedro Hirt, que sofria de hipocondria, suicidou-se, após uma visita de Maurer, cuja influência seria a causa da tragédia.

Meses depois, o inspetor Lehn foi atacado em frente a sua residência por dois homens a cavalo, que o feriram gravemente. Logo a autoria do atentado foi atribuída aos mucker, gerando grande revolta na comunidade, e tendo o delegado prendido trinta e três mucker, os quais foram levados a São Leopoldo. No entanto, o subdelegado Spindler mostra-se contrário a essa prisão, por considerá-la arbitrária.

Diante das arbitrariedades policiais, perseguições e saques de que foram vítimas, os mucker procuraram as autoridades civis em busca de seus direitos, mas não foram atendidos. Decidiram, então, em atitude extrema, dirigir-se diretamente ao Imperador do Brasil, levando um abaixo-assinado, em que narravam também os fatos. Esse documento foi

escrito em alemão por João Jorge Klein, cunhado do casal Maurer, para que fosse traduzido para o português, no Rio de Janeiro. Entretanto, o documento chegou às mãos do subdelegado de polícia em São Leopoldo, que rebateu as acusações, o que foi endossado pelo delegado. Depois, foi remetido ao Ministro da Justiça, que indeferiu o pedido. Com isso, os mucker afastaram-se mais ainda da vida social, passando a realizar seus próprios batizados e casamentos.

Segundo Amado (2002), as autoridades locais sempre assumiram atitude contrária aos mucker e não defenderam seus direitos quando estes foram atacados e humilhados. Além disso, foram responsáveis por diversas arbitrariedades contra eles, além de tentarem macular sua reputação diante das autoridades civis da Província. Estas, por sua vez, demonstraram, inicialmente, maior neutralidade diante dos fatos, não lhes atribuindo importância excessiva e buscando sempre conciliar as partes. Colocaram-se, inclusive, contra as atitudes da polícia local, como no caso da prisão dos trinta e três mucker, libertando-os.

Inicialmente, assegura Moacyr Domingues, “nem Jacobina, nem seu marido, nem seus mais ardorosos companheiros desejavam entrar em luta com pastores, padres, vizinhos. Queriam evitar o confronto: retraíam-se, evitavam o revide às provocações” (DOMINGUES, 1977, p. 136). O autor cogita, ainda, a possibilidade de que o rompimento com as igrejas Católica e Luterana possa ter ocorrido justamente com o intuito de se verem livres das perseguições.

No entanto, aos poucos, os mucker passaram a adquirir armamentos e construíram a casa nova, em forma de mutirão, tendo os adeptos passado a contribuir com dinheiro. Em 26 de setembro de 1873 caiu um meteorito nas proximidades, causando grande espanto, fato que Jacobina aproveitou para anunciar o fim dos tempos.

A partir daí, Jacobina passou à frente na liderança, sendo “identificada com a revelação divina” (AMADO, 2002, p. 229). A diminuição da importância de Maurer no grupo iniciou-se durante sua viagem ao Rio de Janeiro, quando passou a ser considerado, pelos adeptos, fraco diante da magnitude dos fatos. Tomou seu lugar, como

ouvidor das revelações de Jacobina durante seus tranSES, Rodolfo Sehn, que também passou a ser seu auxiliar.

Isso foi interpretado pelas autoridades e pela população como adultério, fruto da imoralidade reinante entre os mucker. É importante lembrar que, entre os luteranos, o divórcio era permitido. Na ocasião, Jacobina também teria anunciado a troca de marido e de esposa entre os casais. Janaína Amado (2002) defende a ideia de que não há comprovação do adultério e que ele provavelmente não ocorreu, tendo sido a calúnia difundida pelos padres jesuítas e pelos pastores. Maria Amélia Schmidt Dickie (1996) defende que essa acusação de promiscuidade sexual era comum contra movimentos de dissidência religiosa. Luppá, ex-integrante do grupo de Jacobina, acusa-a de adultério, e Martin Kassel confirma a troca de mulheres. No entanto, afirma a autora, o filho de Luppá foi o delator do esconderijo de Jacobina, e a esposa de Martin, que era católica, pressionava o marido para deixar de frequentar o Morro Ferrabraz. Assim, “estes eram depoimentos interessados em justificar sua própria atitude e que encontravam justificativa na desqualificação de Jacobina e de todo o grupo” (DICKIE, 1996, p. 421).

Em 30 de abril de 1874, iniciou-se um clima de guerra na colônia, com o assassinato de Jorge Haubert, homem da confiança de Jacobina. Esse crime também foi atribuído aos mucker, uma vez que Haubert havia se tornado seu inimigo.

Outro fato importante e desencadeador da tragédia foi a morte da família de Martinho Kassel, que teve a casa incendiada. Ele e a esposa haviam abandonado os mucker para tornar a frequentar sua religião: ele, a igreja luterana; e ela, a católica. Sobreviveram apenas ele, Martin, que não estava em casa, e seu enteado, que conseguiu fugir pela janela. O patriarca havia saído de casa para comunicar às autoridades que na noite anterior dois homens haviam batido à porta e depois fugiram. Durante o trajeto, dormiu em casa de um conhecido, quando então incendiaram sua casa. Novamente, os mucker foram acusados e o

pânico entre a população, principalmente entre os opositores dos mucker, espalhou-se rapidamente.

Para resolver o problema, o presidente da Província enviou o chefe de polícia, Abílio Álvaro Martins e Castro, a São Leopoldo, acompanhado de dez praças da Cavalaria da força policial, a fim de descobrir os culpados. Entretanto, não obteve êxito.

Nesse período, a imprensa, tanto de São Leopoldo como de Porto Alegre, intensificou sua campanha contra os mucker, sobretudo o jornalista Karl von Koseritz, diretor do jornal *Deutsche Zeitung*, que escrevia artigos contra o grupo. Segundo M. Dreher,

Arauto de uma germanidade que criaria o “teuto-brasileiro”, Koseritz voltou-se contra o obscurantismo e difundiu a imagem do descendente teuto obscurantista, retrógrado, oposto do teuto esclarecido da ilustração por agarrar-se à religião: o Mucker, elemento que deveria ser destruído, pois punha em perigo tudo o que de bom e belo a cultura e a ciência alemãs haviam produzido e poderiam levar ao Brasil (DREHER, 1998, p. 139).

Koseritz estava ligado à elite econômica e cultural da colônia, que era contrária aos mucker. E estes combatiam os valores mais defendidos pelo jornalista, ou seja, a escola, a política, o comércio e a vida social (AMADO, 2002), o que fazia com que permanecessem, assim, em trincheiras opostas. Além disso, como K. von Koseritz era maçom, e os mucker condenavam a maçonaria, atacava-os, destacando o quanto eram imorais e perigosos.

Na noite de 25 de junho de 1874, os mucker atacaram alguns de seus principais inimigos, matando-os e incendiando suas casas, sem roubar nada. Muitos colonos reuniram-se, uns nas casas dos outros com medo dos ataques. No dia seguinte, houve uma reação por parte dos moradores da região, quando cerca de oitenta homens atacaram, saquearam e incendiaram várias casas abandonadas dos mucker. Os ataques continuaram nos dias subsequentes. A violência foi tamanha que o coronel Genuíno de Sampaio os denunciou à justiça por roubo, assassinato e incêndio.

A partir de então, foram enviados a São Leopoldo soldados e armas. Todo o contingente militar ficou sob o comando do coronel

Genuíno Sampaio. Acompanhado de 98 homens, o coronel seguiu para o Ferrabraz (AMADO, 2002). No dia 28 de junho, as tropas atacaram os mucker, que os receberam a tiros, obrigando-as a fugir⁵. A derrota agitou ainda mais a região e a capital.

Foram reunidas forças militares de várias cidades, além da mobilização popular, perfazendo em torno de 500 homens. Entretanto, o grupo estava desorganizado, pois muitos eram indisciplinados, outros desertaram e muitos não possuíam armamento adequado. Enfim, desde a Guerra do Paraguai, a Guarda Nacional estava decadente e o exército, desorganizado – ambos consideravam a luta contra os mucker uma tarefa indigna. Os integrantes da Guarda Nacional até passaram a saquear e incendiar as moradias vazias dos mucker e de outros colonos, o que provocou o repúdio da população às tropas.

No dia 11 de julho de 1874, juntaram-se às tropas do coronel Sampaio as forças do capitão Santiago Dantas. O segundo ataque ocorreu a 19 de julho, quando foi incendiada a casa dos Maurer e mortos homens, mulheres e crianças, vítimas de saques e violações por parte dos soldados. Logo foi comunicada a vitória, e, em São Leopoldo, houve comemorações.

Entretanto, vários mucker haviam fugido, inclusive Jacobina. Na madrugada, ouviram-se tiros disparados pelos mucker, ocasionando grande confusão entre as tropas, que passaram a atirar na direção dos disparos. Com isso, Genuíno Sampaio foi ferido na perna, vindo a falecer, o que acarretou preocupação para as autoridades de São Leopoldo e da capital.

Novo ataque, sob o comando do capitão Santiago Dantas, foi organizado. O local do esconderijo foi denunciado por Carlos Luppa, um ex-mucker. O combate teve lugar a 2 de agosto de 1874, quando todos os sobreviventes foram mortos pelas tropas, ou seja, dezessete mucker. João Jorge Maurer havia fugido após o segundo combate, com a autorização de Jacobina (AMADO, 2002). Em 1875, foram encontrados

⁵ Todos os fiéis deveriam acreditar no testemunho de Jacobina e engajar-se com palavras e ações, o que conduziu ao sacrifício da própria vida, até porque a morte era considerada como ressurreição (DICKIE, 1998).

dois corpos em adiantado estado de decomposição, sendo reconhecidos como João Jorge Maurer e seu irmão.

As crianças mucker sobreviventes foram entregues a famílias alemãs, e os que tinham idade para servir foram recrutados. Entre os adultos, 23 mucker foram julgados, dos quais sete foram condenados a 23 anos e quatro meses de prisão, inclusive João Jorge Klein. Em 1883, contudo, todos os condenados foram absolvidos (AMADO, 2002). Muitos se mudaram para Nova Petrópolis e Lajeado, enquanto outros procuraram retomar suas vidas, sendo sempre perseguidos e humilhados.

Considerações finais

Os integrantes do movimento mucker buscaram opções distintas, já que as instâncias de poder não atendiam às suas demandas. No entanto, as características do movimento conflitavam com a ordem pretendida. No que diz respeito às relações com a igreja católica e a protestante, a opção de se reunirem em torno do casal Maurer constituía-se em uma ameaça, dado que ambas as igrejas buscavam a afirmação da sua institucionalização. Nesse contexto, as práticas religiosas do grupo dos muckers não poderiam ser aceitas e deveriam ser combatidas.

A imagem de Jacobina foi, então, constituída de representações que reproduzem as ideias de grupos que ficaram inquietos frente à religiosidade dos integrantes do movimento mucker. Nesse sentido, foi preciso representar Jacobina negativamente, relacionando-a sempre ao adultério, à violência, à falsidade e à loucura.

O desfecho do movimento demonstra a legitimação do massacre do grupo mucker, através da união de forças civis e religiosas responsáveis pela ordem —, igrejas católicas e protestantes, autoridades policiais, imprensa e partidos políticos.

Referências

AMADO, Janaína. **A revolta dos mucker**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1996.

_____. A irmã da bruxa: liderança religiosa feminina e perigo. **Horizontes antropológicos – Religião**, Porto Alegre, Ed. da UFRGS, ano 4, n. 8, jun 1998, p. 72-86.

_____. O milenarismo Mucker revisitado. In: DREHER, Martin N. (Org.) **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

DREHER, Martin Norberto. O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. In: **Peregrinação**. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

_____. O imigrante alemão e sua utopia. **Estudos Leopoldenses – Série história**. São Leopoldo, Unisinos, v. 2, n. 2, 1998, p. 131-147.

_____. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. In: **Estudos Leopoldenses – Série história**. São Leopoldo, Unisinos, v. 3, n. 2, 1999, p. 49-70.

_____. **Igreja e germanidade**. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003.

DOMINGUES, Moacyr. **A nova face dos muckers**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

ENGEL, Magali Gouveia. Revolta dos Mucker. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 645-647.

KUNZ, Marines Andrea. **Mosaico discursivo: a representação de Jacobina Maurer em textos históricos, literários e filmicos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.

RAMBO, Arthur Blásio. A igreja dos imigrantes. In: DREHER, Martin N. (Org.) **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST Edições, 2002. p. 57-73.

Recebido em Agosto de 2012

Aprovado em Outubro de 2012